

OPINÃO / Fortaleza-CE, segunda-feira, 22 de março de 1999

3

vida & arte

NEMA

Filme homenageia artistas anônimos das ruas de Fortaleza

Chega ao fim as filmagens do curta-metragem "O Artista de Rua e a Bailarina". A história original previa locações no Rio de Janeiro, mas uma mudança no roteiro fez das praças e ruas de Fortaleza o cenário para uma homenagem aos artistas populares ■

JANAINA DE PAULA
Da Editora de Vida & Arte

Um menino sem memória passa a perambular pelas ruas e se transforma em um artista itinerante. O roteiro é meio pretérito. O curta-metragem "O Artista de Rua e a Bailarina" se propõe a homenagear os artistas anônimos que vivem da atenção de transeuntes mexis apressados que circulam pelas praças. Com tomadas entre a Praça José de Alencar e o teatro homônimo, o filme quebra as barreiras entre o imponente TJA e a miséria da praça e põe em destaque o malabarista, o cantor de viola, o palhaço e até os postulantes da fé que por ali circulam.

São eles que dão forma ao personagem principal vivido pelo ator e mímico Aristides Ribeiro. Dos trajetos ao figurino, o ator toma emprestado traços de figuras folclóricas do Centro de Fortaleza, Bocão, "Michael Jackson" e Quebra-cobra formam o time principal de "estrelas" da praça que estreiam no filme do diretor carioca André Sampaio.

Em fase de edição, o curta-metragem rependia o clima do Cinema Mudo fazendo uso de imagens das ruínas e casafestas do centro da cidade. Na verdade, o filme retrata a realidade de Jarrett, o menino de Ricardo Aronowski.



■ A equipe filma no TJA. Ao lado, a atriz Joana Limaverde

ruda, resolveu dar novo rumo ao projeto e escolheu o Ceará como cenário.

"O local onde o filme se passa não é o fundamental porque O artista de rua... fala sobre a dignidade do artista. A arte vem das ruas, das praças e pretendemos resgatar essa figura como forma de homenagear o cinema desde o seu surgimento", justifica o diretor.

Resolvido o problema de locação, o primeiro passo foi montar o acampamento em pleno centro da cidade para sentir de perto a vida ao relento. Finita em cena o elo com o passado que move a trama: a bailarina vivida pela atriz Joana Limaverde, que estreia no cinema vivendo a trama do mímico perdido. "A história é só mais uma desculpa

pra fazer cinema. O filme é lúdico tem um elemento fantástico e é cheio de experimentações", atesta Jane Malaquias, diretora de arte, preferindo fugir dos detalhes formais da trama.

Crija do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, com 16 técnicos saldos das salas do Dragão, o filme tem um tom meio experimental, com tomadas aéreas e efeitos especiais improvisados. O que não significa que a produção tenha sido tratada com amadorismo, chama a atenção Ricardo Arruda.

Com o apoio da Teleceará Celular, através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado, o curta foi filmado com duas câmeras 35mm (empréstimo da Furarte) e o maior rigor na produção. O elenco foi



escolhido a dedo e o diretor conta como manda o figurino. Por sinal, não é a estreia do diretor André Sampaio em projetos audiovisuais recentes. Ele fez parte da equipe de "A Sombra do Alameda", de Rosenberg e "O Nordestino e o Toque de sua Lamparina", de Ricardo Aronowski.